

MOBILIZAÇÃO. Professores decidem esperar unificação de outras categorias

Estado de greve é mantido na Ufal

Mobilizados por sua entidade de classe, os professores da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) decidiram, em assembleia realizada ontem, se manter em estado de greve. A categoria pode se juntar às centrais sindicais que defendem a realização de uma greve geral no País prevista para a segunda quinzena do próximo mês. As centrais, como a CUT e a CGT, querem barrar reformas que podem mudar as regras para aposentadoria e a regulamentação do mercado de trabalho.

No mesmo movimento, são contra o Projeto de Lei Complementar (PLP) 257/16 e a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241/16 que, segundo as entidades, trazem prejuízos aos servidores públicos, em todos os níveis da administração. Depois de mais de três horas de discussão, os docentes da federal alagoana decidiram aguardar a unificação entre as categorias rumo à greve geral.

Ao longo da assembleia, os docentes enfrentaram a reação de estudantes de

diversos cursos, que se organizaram dentro do campus para manifestar posição contrária à greve na instituição. A direção da Associação dos Docentes (Adufal), que realizou a assembleia no Centro de Interesse Comunitária, dentro do campus A.C. Simões, garantiu a participação dos estudantes, que puderam se manifestar, por voz, no ato dos professores.

“Propomos um debate amplo, com todos os segmentos que compõem a comunidade acadêmica, para discutir alternativas de enfrentamento dessas questões”, declarou o estudante João Fillipy de Lima Nunes, membro da comissão que organizou o movimento contra a greve.

Para os estudantes, as questões de interesses da universidade não podem ser decididas somente pelos professores e pessoal administrativo. “Os alunos querem participar das discussões para soluções conjuntas”, acrescentou João Fillipy, 22 anos, aluno do curso de Engenharia de Petróleo. Para ele, o movi-



LENILDA LUNA-CORTESIA

Assembleia foi marcada pela presença de estudantes, que se mobilizaram para manifestar posição contrária à greve

mento que a Adufal trouxe para discussão ontem tem importante natureza política, mas é preciso considerar as consequências de uma paralisação.

O estudante lembrou as recentes greves que a Ufal viveu (em 2012 e 2015), que perduraram por quase quatro meses cada uma, e que não resultaram em benefícios para a instituição nem para docentes e discentes. “Essas greves foram improdutivas”, afirmou João Fillipy. acrescentando

que “nem a instituição nem os estudantes podem ser usados como instrumento político”.

Numa caminhada pelo campus, onde percorreram os departamentos de todos os cursos, os estudantes citaram o atraso no calendário acadêmico como um dos prejuízos da greve realizada em 2015. Os manifestantes lembraram que os danos a quem está prestes a se formar e aos feras que ainda não começaram a estudar.

Segundo João Fillipy, o movimento contrário à greve é apartidário e conta com adesão de alunos dos cursos de Geografia, Engenharia de Petróleo, Medicina, Direito, Jornalismo, Engenharia Química, Economia, Ciências Sociais, Odontologia, Química, Filosofia, Administração, Engenharia Civil, Nutrição, Relações Públicas, Ciência da Computação, Serviço Social, Farmácia e Engenharia da Computação. **BO**